

JUVENAL, PITA E O VELOCÍPEDE

Painel Crítico – FENAPI / BH

Por Anderson Feliciano

Para: Cauã

De: Anderson Feliciano

Cauã,

Levantei com muita vontade de te abraçar e ficar em silêncio. Minha avó dizia que era preciso aprender a escutar o silêncio. Mas isso só vim entender agora depois de alguns anos falando pelos cotovelos. Aposto que você está aí todo encucado. Outra carta do tio Anderson? Sim. Resolvi te escrever de novo para contar sobre Juvenal, Pita e o velocípede. Sei que não sabe do que se trata. Mas tranquilo que vou explicar.

Fui de novo no Festival de Arte para as Infâncias. Dessa vez vi a obra do Pandorga Cia de Teatro, um grupo lá do Rio de Janeiro. Juvenal é um menino como você, como eu ou como quase todos as pessoas que tiveram uma infância alegre. O enredo da obra é muito simples, enquanto espera sua amiga Pita chegar, ele relembra diversas histórias dos tempos de criança. Lembra de como recebeu o seu nome, o dia em que ganhou o velocípede do seu tio, a paixão pelo personagem japonês Ultraman, de como conheceu a sua melhor amiga Pita e mais um montão de outras coisas.

Voltei pra casa com vontade de te escrever. O Juvenal me fez lembrar o Lucas Silva e Silva. Não adianta ficar aí tentando lembrar quem é esse tal de Lucas. Quando era do seu tamanho, e isso faz algum tempo, adorava as aventuras desse garoto. Ele era o protagonista do Mundo da Lua: seriado que era exibido pela TV Cultura lá em meados dos anos 90. O seriado apresentava Lucas Silva e Silva, um garoto que ganhava um gravador de seu avô paterno Orlando ao completar dez anos. Em meio aos problemas típicos da passagem da infância para a adolescência, Lucas criava no gravador histórias a partir de como gostaria que as coisas fossem. Sabe, Cauã? Não sou uma pessoa nostálgica, mas é bom lembrar que há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração.

A história do Juvenal também me fez lembrar do Godot. Uma das obras que mais gosto do Beckett. Dessa vez, darei apenas essas informações, mas gostaria que, assim que você tiver um tempinho, pesquisasse sobre essa obra e esse autor.

Num lugar, muito, muito distante...

Não me lembro exatamente se era assim, mas quando Juvenal começa a narrar suas memórias, dizia que haviam se passado num lugar muito, muito distante. Sempre fico me perguntando, por que tudo de legal que acontece tem que se passar num lugar muito distante? Mas isso é pergunta que não precisa de resposta. Pelo menos por agora.

O nome completo da personagem era Juvenal Mariano Plácido Platão. Achei bem engraçado o nome dele. Platão não fazia parte no registro, mas ele disse que acreditava ser um nome importante e por isso acrescentou ao seu. Enquanto esperava Pita ele contou o porque se deu esse nome. Mas isso te conto quando nos encontrarmos pessoalmente.

Eduardo Almeida, ator que interpretava o Juvenal, é uma pessoa corajosa. Talentosa também. Imagina você: fazer um monólogo para pessoas de todas as idades? Pois é. Ele encarou super bem essa tarefa, conseguiu encantar as crianças de todos os tamanhos. Assim como Manuel Bandeira, ele nos conduziu por sua Pasárgada. Durante alguns minutos, permitia que nos distanciássemos desse mundo duro e nos convidava a voltar para ele com mais leveza.

Teve um detalhe que me chamou atenção. Ao nadar e nadar e nadar e nadar e depois de muito nadar, Juvenal chegou em África. Na África imaginada por ele, haviam bichos de todos os tipos tanto real, quando imaginários e nada mais. Me pareceu uma leitura rasa, sabe? A África é um continente riquíssimo e cheio de tudo mais que possamos imaginar. E ele que me pareceu uma criança esperta como você, só conseguia imaginar aquilo que todo mundo já conta.

Afinal, Pita não chegou. Talvez para pessoas do seu tamanho isso não faça sentido agora, ou faça um sentido diferente para pessoas do meu tamanho. E ainda a canção, há um passado no meu presente e toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão.

Te abraço.